

MORALIS PHILOSOPHIA E O SENTIDO PRÁTICO DO SABER

*Diego Atahualpa de Andrade Ramires Farias**

Resumo: No início de sua *Opus Maius*, Bacon escreve que a verdadeira sabedoria implica em duas coisas; (i) o que é necessário para obtê-la, isto é, determinar em que consiste propriamente o saber e (ii) a aplicação deste conhecimento para importantes propósitos. Temos assim uma relação interna, que se refere a sua própria constituição e uma externa, referente aos fins. Rompendo com a tradição Aristotélica do saber contemplativo, as ciências devem ter uma finalidade prática na sociedade. Deste modo, o projeto Baconiano é de uma grandiosa reforma tendo como base reorganização dos saberes. Ele enfatiza que o fim de todos os ramos da Filosofia é a Filosofia Moral (*Moralis Philosophia*), e assim todas precedentes ciências conduzem a esta, pois nos diversos campos do saber encontramos preceitos morais, que devem ser extraídos para a Filosofia Moral (*Moralis Philosophia*), uma vez que em substância se relacionam com a moral. Por fim a ciência moral (i) nos ensina a estabelecer as leis e obrigações da vida, isto é, trata das leis de conduta e (ii) ensina que estas normas existem para serem acreditadas e aprovadas, e ainda, que todos homens devem ser impelidos a respeitá-las. Visto isso, a presente comunicação tem como escopo apresentar o sentido moral do saber no projeto de reforma de Bacon, no que se refere à sua principal obra, *Opus Maius*.

Palavras-chave: moral, ciência, conhecimento, teologia.

Introdução

Em sua *Opus Maius* (1267-8), obra enviada ao Papa Clemente IV, Bacon “tinha como propósito a reforma da Igreja, da cristandade e da universidade.”¹ No início desta, Bacon escreve que a verdadeira sabedoria implica em duas coisas²; (i) o que é necessário para obtê-la, isto é, determinar em que consiste propriamente o saber e (ii) a aplicação deste conhecimento para importantes propósitos. Temos assim uma relação interna, que se refere a

* Graduando em Bacharelado em Filosofia UFPel - daarfarias.ufpel@gmail.com

¹ MERINO, 1993. p. 114.

² OM, I, p. 1.

sua própria constituição e uma externa, referente aos fins. Bacon expõe a importância prática deste saber, que seria a ordenação da Igreja de Deus, regulando a república dos fiéis e ocupando-se da conversão dos infiéis. Ainda pela excelência do conhecimento se daria a repressão daqueles que não puderem ser convertidos. Em sua primeira parte, *causae erroris*, também chamada *pars destruens* (parte que destrói), o *Doctor Mirabilis* a caracteriza como parte fundamental e imprescindível para o escopo da obra, pois seria inútil continuar com o restante do escrito caso não fosse empreendida esta primeira análise. Nesse sentido, Bacon enumera as quatro *veritatis offendicula* (obstáculos da verdade)³: (i) *Fragilis et indignae auctoritatis exemplum* (tomar como exemplo uma autoridade indigna e frágil), (ii) *Consuetudinis diuturnitas* (influência do hábito), (iii) *Vulgi sensus imperiti* (a opinião do vulgo imperito) e (iv) *Propriae ignorantiae occultatio cum ostentatione sapientiae apparentis* (ocultação da própria ignorância com ostentação de sabedoria aparente).

Após este primeiro empreendimento Bacon tratara de sua proposta de reforma dos estudos. E assim, da segunda a sexta parte, ocupa-se de vários pontos do estudo dos saberes, tendo como pensamento central “a unidade da ciência, e sua subordinação ao mais alto propósito ético concebível pelo homem.”⁴, isto é, as diversas ciências estão interligadas e são partes de uma unidade que tem como fim a *Moralis Philosophia*.

1 - *Philosophiae cum Theologia affinitas*

Bacon ao tratar da *Theologia* a nomina como *scientia dominatrix* (ciência soberana), pois toda a verdade está contida nas Escrituras, porém para obtê-la

³ OM, I, p. 2.

⁴ BRIDGES, J. H. Life and Works of Roger Bacon. London: Williams & Norgate, 1914.p. 141.

precisamos da ajuda do direito canônico como também da filosofia⁵. A exposição de toda esta verdade divina é feita pelas diversas ciências, pelo qual no centro do vértice está a Sagrada Escritura, “visto que toda sabedoria foi dada por um Deus para um mundo por um propósito.”⁶ Deste modo a *Philosophia* não é contrária a Sabedoria de Deus e sim está inclusa nela, mostrando claramente que o conteúdo tanto da *Philosophia* quanto da *Theologia* não são divergentes. Merino afirma, que “Bacon se vincula a tese alexandrina de que a Escritura contém tudo que pode ser conhecido. Por tanto, o saber natural, racional e empírico se fundamenta na Escritura.”⁷

Primeiramente, diz Bacon, que a verdade advém de Cristo e em segundo lugar de certo modo a verdade é pertencente aos filósofos, porém para obtê-la há necessidade de uma iluminação divina. Nesse sentido, Bacon irá fazer a distinção entre *Intellectum Agens* (Intelecto Agente) e *Intellectus Possibilis* (Intelecto Possível).⁸

A alma humana é dita possível para as ciências e virtudes. Necessita ela, para tal atividade, uma iluminação mediante o *Intellectus Agens*, que não é parte integrante da alma. Embora o *Intellectus Possibilis* possa ser dito ativo no ato do entendimento, é preciso a influência e iluminação do *Intellectus Agens* para o reconhecimento da verdade por parte do homem, deste modo, a *Philosophia* existe por influência da iluminação divina.

No que se refere à essência, o *Intellectus Agens* é incorruptível conforme seu ser e substância como também é conhecedor de tudo e esta

⁵ “Dico igitur, quod est una scientia dominatrix aliarum, ut theologia, cui reliquae penitus sunt necessariae [...] una tamen est sapientia perfecta, quae in sacra scriptura totaliter continetur, per jus canonicum et philosophiam explicanda, et expositio veritatis divinae per illas scientias habetur.” OM, I, p.33.

⁶ “Quoniam ab uno Deo data est tota sapientia et uni mundo, et propter unum finem.” OM, I, p. 33.

⁷ MERINO, 1993, p.130

⁸ Bridges no diz que ao tratar acerca do *Intellectus Agens* e *Intellectus Possibilis*, Bacon ocupa-se de um das mais importantes controvérsias medieval. Na qual Tomas de Aquino, por exemplo, refuta Averóis e seus antecessores arábicos, pois para estes há uma razão universal da qual os indivíduos foram em diferentes graus participantes. OM, I, p. 38.

sempre *in actu* (em ato). Por outro lado, o *Intellectus Possibilis* é incorruptível no que diz respeito a sua substância, mas é corruptível em relação a seu ser, em virtude de sua separação em relação ao *Intellectus Agens*. Referente aos filósofos e a *Philosophia*, Bacon declara que “Portanto, Deus tem iluminado suas almas, nas que irão ser percebidas as verdades da filosofia, é evidente que seu trabalho não é alheio a sabedoria divina.”⁹

A *Philosophia* foi revelada aos antigos filósofos por Deus, desta maneira deve estar em absoluta conformidade com sua própria sabedoria. Visto que desde o tempo dos patriarcas até o tempo dos filósofos árabes a sabedoria adveio de Deus. O objetivo da filosofia especulativa é mediante o conhecimento das criaturas conhecer o Criador. E nesse sentido, todos seus ramos conduzem à *Moralis philosophia*. Que estabelece a dignidade da moral, as leis justas e o culto divino. Ela também persuade os homens à futura felicidade quanto possível a filosofia. Desta maneira a *Philosophia* é necessária a lei divina e aos fiéis.

2 – *Cognitio linguarum*¹⁰

Bacon considera o conhecimento das línguas, a primeira porta para a sabedoria¹¹, isto é, para o perfeito conhecimento existe a necessidade do conhecimento das línguas das quais a cultura latina surgiu. Deste modo, o estudo da gramática de línguas estrangeiras se faz de suma importância. Pois o texto sagrado foi transmitido na língua Grega e Hebraica, e a filosofia além destes dois idiomas também deriva do Idioma Árabe. São apontados por

⁹ “igitur Deus illuminaverit animas eorum in percipiendis veritatibus philosophiae, manifestum est quod eorum labor non est alienus a sapientia divina.” OM, I, p. 41.

¹⁰ Cf. LEMAY, Richard. Roger Bacon’s attitude toward the latin translations and translators of the twelfth and thirteenth centuries. In: HACKETT, Jeremiah (org). Roger Bacon and the sciences. Leiden: Brill, 1997, p 25-47.

¹¹ “Notitia linguarum est prima porta sapientiae”. OT. p. 102.

Bacon, alguns pontos específicos que justificariam a importância do estudo de línguas: (i) as particularidades de um idioma são impossíveis de serem conservadas em outro. É evidente (ii) a falta de palavras no Latim que traduzam expressões de outro idioma, nos quais foram redigidos diversos textos científicos. Nesse sentido, os que não possuem conhecimento das línguas originais nos quais os textos foram escritos, acabam por não compreenderem o sentido deste. E também pecam na pronúncia adequadamente de diversas palavras. O (iii) tradutor deve possuir conhecimento do assunto do qual está tratando como também dos idiomas envolvidos na tradução. Bacon cita Boécio como grande tradutor, e Robert Grossatesta como grande conhecedor das ciências. Existe também a necessidade da tradução de diversos textos, pois (iv) no que se refere a escritos dos Santos Padres como também da Escritura, estes possuem inúmeras omissões e corrupções em suas redações. (v) Pelo o fato dos estudos latinos negligenciarem o conhecimento de línguas estrangeiras, ao passo que as ciências foram transmitidas aos Latinos mediante outras línguas, acaba-se por não conseguir entender as ilusões contidas em muitos escritos da antiguidade. (vi) A Sagrada Escritura usada em Paris possui muitos erros e desta maneira apresenta-se como um texto extremamente corrupto. Existe a necessidade de correção usando como referência os originais em grego e hebraico. (vii) Existem textos que estão corretos, porém sua interpretação é obscura, causando danos tanto para a teologia como para a filosofia, cujas exatas interpretações são de suma importância, sobretudo referente ao Texto Sagrado, obras de medicina e de ciências secretas. (viii) A gramática latina tem sua formação sobre o modelo da gramática Grega e Hebraica, deste modo por razão científica existe a necessidade do conhecimento destas línguas, pois varias palavras latinas possuem sua descendência nestes idiomas, o que causa confusão aos que não possuem conhecimento do idioma Grego e Hebraico.

Além da importância científica Bacon enumera a utilidade do estudo da linguagem para a Igreja de Deus. Há, nesse sentido cinco finalidades: (i) para explicação da liturgia, (ii) esclarecimento das fórmulas usadas nos sacramentos e consagrações (iii) para regulamentação das igrejas estrangeiras (iv) para a Doutrina Cristã e (v) para o comércio com outras nações.

3 - *Mathematica*

No início do capítulo Bacon diz que existem o número de quatro *scientiae magnae* (grandes ciências) sem as quais nenhuma outra ciência pode ser conhecida como também logrado o conhecimento das coisas. No que se refere tanto as ciências humanas como no conhecimento do divino. Destas ciências a *Mathematica* é *porta et clavis* (porta e chave), e a negligência em seu estudo levou à ruína de todo sistema de estudo dos latinos.

A *Mathematica* por suas propriedades peculiares é precedente, útil e necessária a todas outras ciências, pois o conhecimento destas não deve ocorrer mediante sofismos ou argumentação dialética. Bacon enumera pontos que justificam a importância da *Mathematica*: (i) as diversas ciências servem-se de exemplos matemáticos para deixar claro os assuntos por elas tratados; (ii) a compreensão das coisas matemáticas são assim por dizer inata; (iii) esta ciência foi a primeira descoberta de todas as partes da filosofia; (iv) método natural de compreensão possui um estatuto crescente de dificuldade, isto é, se dá do fácil ao difícil, nesse sentido a *Mathematica* é a mais fácil; (v) ela é acessível até aos clérigos ignorantes, que são incapazes de alcançar a compreensão de outras ciências; (vi) as crianças possuem facilidade no aprendizado da *Mathematica*, comparado com outras partes da *Philosophia*; (vii) o conhecimento é adquirido das coisas conhecidas por nós mais facilmente do que de coisas conhecidas da natureza;

(viii) a demonstração da *Mathematica* é mais completa, desta maneira por meio desta todas outras ciências devem ser conhecidas e verificadas; (ix) o objeto da *Mathematica* é percebido por nossos sentidos mais diretamente, assim nada pode ser percebido sem *quantitas* (quantidade); (x) o próprio ato de conhecer não é concluído sem *quantitate continua* (quantidade contínua), e por fim; (xi) todos os homens que se destacaram nas ciências são devedores de seus resultados por obtê-los mediante o estudo matemático.

O saber matemático tem como objeto as coisas do mundo celestial como também deste mundo. Referente ao mundo celestial, duas importantes ciências tratam deste assunto; (i) a *astrologia speculativa* (astrologia especulativa) e (ii) a *astrologia practica* (astrologia prática). Deste modo, mediante estas duas ciências subjacentes a *Mathematica* é possível ter conhecimento das coisas do mundo celestial, este que é superior e causa do mundo dos homens.

Nesta quarta parte, Bacon também trata acerca das *species* (espécies),¹² isto é, discorre a respeito da sua teoria da multiplicação das espécies, “que explica em última análise toda transformação, tanto no mundo material como no espiritual”.¹³ Após tratar da necessidade da *Mathematica* nas coisas deste mundo e na ciência humana, Bacon tratara da importância desta ciência para o conhecimento do divino. Primeiramente é demonstrada a interligação entre *Mathematica*, *Theologia* e *Philosophia*, pois o saber filosófico não pode ser conhecido sem o conhecimento da matemática a medida que todo conhecimento da *Theologia* não pode ser sabido sem a *Philosophia*. A Escritura como fonte detentora de todo conhecimento possui um sentido literal e um espiritual; o primeiro é necessário para a segunda nesse sentido a *Mathematica* se

¹² Assunto este que Bacon tratara de modo mais específico em seu *De Multiplicatione Specierum*. Ver LINDBERG, David C. Bacon's natural philosophy. A Critical Edition, with English Translation, Introduction, and Notes, of *De multiplicatione specierum* and *De speculis comburentibus*. Oxford: Clarendon Press, 1983.

¹³ DO NASCIMENTO, Carlos Arthur. Conhecer para Dominar: Rogério Bacon. In: De Tomás de Aquino a Galileu. Caminas: IFH/Unicamp, 1995. p. 90.

faz necessária à *sacra scientia* (ciência sacra). Bacon cita sete razões: (i) conhecimento *coelestium rerum* (das coisas celestiais), (ii) *consideratio locorum mundi* (geografia), (iii) *de temporibus* (cronologia), (iv) *accidentia et passiones temporum* (acidentes e paixões dos tempos), isto é, definição dos períodos cronológicos, (v) *figurationes geometricae* (formas geométricas), (vi) *numerus* (número), isto é, utilidade da aritmética e finalmente (vii) *musicalia* (música).

4 - Perspectiva

Bacon começa por apontar a superioridade da visão sobre os outros sentidos e por este motivo a perspectiva possui sua importância para os saberes, isto é, na sua primeira parte Bacon ocupa-se da importância desta ciência para a *sapientia philosophiae* (sabedoria da filosofia). Nominada a *flos philosophiae totius* (flor de toda filosofia) mediante a qual as outras ciências podem ser adquiridas¹⁴. Faz-se necessário apresentar as características gerais da *Perspectiva*.

De começo é investigado os princípios gerais da visão. Bacon então trata dos órgãos da *anima sensitiva* (alma sensitiva), que estão localizadas no cérebro. Deste modo, são apresentadas as partes constituintes do cérebro. No interior deste estão localizados dois órgãos, o do *sensus communis* e o da *imaginatio*. O modo de operação combinada destes dois denomina-se *phantasia*. Também é examinada a estrutura do olho com a finalidade de um estudo da visão, nesse sentido o globo ocular e os nervos são descritos em suas respectivas partes.

Bacon trata também das dificuldades das funções da visão e condições requeridas para tal ato. E mediante a *auctoritas* de Al Kindi e Alhazen ocupa-se do estudo da *Reflexio* (Reflexão) e da *Refractio* (refração).

¹⁴ Bridges em nota afirma que esta passagem corresponde ao manuscrito Magdalene College, Cambridge. OM, II, p. 3.

Após ter tratado dos princípios da *Perspectiva* acerca do conhecimento científico, Bacon tratara da utilidade desta para a *Sapientiae Divinae* (sabedoria divina). Pois esta ciência certifica fenômenos naturais, então ela elucida e explica as outras ciências. Do modo que, o conhecimento destas ciências e das coisas temporais são importantes para o conhecimento da Verdade Divina. Bacon cita Matheus 10-16¹⁵, trecho pelo qual o exemplo só é compreendido caso o leitor entenda o conteúdo da proposição. Para isto se faz necessário considerar as qualidades da serpente, como também a natureza da pomba. Além disto, diz Bacon, que todas as verdades científicas possuem um significado espiritual. Por fim, é apresentada a aplicação prática dos conhecimentos da *Reflexio* e da *Refractio*, visto que estas podem ser usadas a serviço da *Civitas*.¹⁶

5 - *Scientia Experimentalis*

No início do capítulo lê-se que “sem experiência nada pode ser suficientemente sabido”.¹⁷ Assentada em uma nova concepção de saber científico, esta afirmação de Bacon encontra-se em sentido contrário à corrente cultural de seu tempo. Isto é, do saber teórico e sistemático das grandes *Summae* de Alexandre de Hales, Alberto Magno e Tomás de Aquino, por exemplo. Nesse sentido, segundo Bacon, os modos de conhecer são dois, mediante: (i) *Argumentum* (argumento) ou (ii) *Experimentum* (experimento) desta maneira, “o argumento conclui e nos faz conceder a conclusão, mas não

¹⁵ “Estote ergo prudentes sicut serpentes, et simplices sicut columbae.” BIBLIA SACRA Vulgatae Editionis. Paris: Librairie Garnier Frères, 1922.

¹⁶ Bridges em nota afirma que embora muitas vezes existam reivindicações exageradas para configurar Bacon como um inventor, isto não pode cegar-nos para seu espírito completamente científico ao tratar da ótica. OM, II, p. 166.

¹⁷ “sine experientia nihil sufficienter scire potest.” OM, II, p. 167.

certifica nem remove a dúvida de modo que a alma repouse na intuição da verdade.”¹⁸

Este *experimentum* é duplo:

(1) Dá-se mediante *sensus exteriores* (sentidos externos), e desta maneira, experimentamos por meio de nossos sentidos, como também por auxílio de instrumentos e autoridades dignas. Porém este modo de experiência não é suficiente, razão pela qual o intelecto humano necessita da iluminação divina.

(2) Temos então a *scientia interioris* (ciência interior)¹⁹ possui sete graus, a saber: (i) *illuminationes pure scientiales* (iluminações espirituais); (ii) *virtutes* (virtudes); (iii) *septem dona Spiritus Sancti* (Sete dons do Espírito Santo); (iv) *beatitudines* (beatitudes); (v) *sensus spirituales* (sentidos espirituais); (vi) *fructus* (frutos) e por fim (vii) *raptus et modus eorum* (raptos e nas modalidade destes frutos).

Bacon diz que esta *scientia experimentalis* é ignorada por muitos que se dedicam aos estudos, e para persuadir de sua utilidade é demonstrada seu alcance e característica. Nesse sentido, esta ciência possui três *magnas praeogativas* (grandes prerrogativas)²⁰ que são: (i) esta ciência confirma as conclusões de outras ciências, já alcançadas por estas, pois mesmo que os princípios sejam alcançados via experiência suas conclusões se dão mediante raciocínio; (ii) ela atinge resultados dentro dos limites das demais ciências, que

¹⁸ "Argumentum concludit et facit nos concedere conclusionem, sed non certificat neque removet dubitationem ut quiescat animus in intuitu veritatis, nisi eam inveniat via experientiae;" OM, II, p. 167.

¹⁹ Nascimento afirma que "o primeiro item da lista situaria Bacon dentro dos parâmetro do iluminacionismo agostinista. Os itens de número dois, três, quatro e seis (virtudes, dons, beatitudes e frutos) parecem ser dados largamente aceitos no século XIII. tanto assim que Tomás de Aquino se serve deles para estruturar a segunda parte da segunda parte (secunda secundae) de sua Suma de teologia, vide "Prólogo" desta parte da Summa." Rogério Bacon e a ciência experimental. In: Ana Maria Alfonso-Goldfarb; Maria Helena Roxo Beltran. (Org.). O saber fazer e seus muitos saberes: experimentos, experiências e experimentações. 1 ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2006, v. 1. p.56

²⁰ Bridges em nota diz: "Esta palavra é usada como equivalente a *dignitas*, que é algumas vezes, em latim medieval, a tradução de *ἀξίωμα* "característica principal" que provavelmente melhor expresse seu significado." OM, II, p. 172,

são totalmente novos para estas e; (iii) são criados por ela novos compartimentos nas ciências.

6 - *Moralis philosophia*

Bacon considera esta uma ciência ativa²¹, isto é formativa, pois ela é concernente com nossas ações tanto nesta vida, como na outra. A diferença entre esta ciência e as outras é que todas outras são chamadas *speculativae* (especulativas). Ainda que as outras ciências sejam ativas e formativas, elas concernem às ações da técnica e da natureza, e nesse sentido não dizem respeito à moral. Investigam as verdades das coisas e das atividades científicas, que reportam ao *intellectus speculativus* (intelecto especulativo) e neste sentido não concernem a coisas pertencentes ao *intellectus Practicus* (intelecto ativo). Assim denominado, pois se refere à maneira de proceder, isto é, relativo a ações boas ou más. Deste modo, esta ciência trata das principais ações do homem, referente às virtudes e os vícios, e com a felicidade e a miséria na outra vida. Também chamada de ciência civil, esta instrui o homem em sua relação com Deus, com seu próximo, e consigo mesmo; demonstra essas relações, nos convida para elas e eficazmente nos influencia a isto. Bacon no segundo capítulo refere-se à *Theologia* como a mais nobre das ciências, assim a ciência que esta mais estreitamente relacionada a ela é mais nobre que os outros ramos da filosofia²², pois a filosofia moral concerne com as mesmas questões que a teologia e também contém grande quantidade de excelentes testemunhos em relação à fé. Bacon enfatiza que a *Moralis Philosophia* é o fim de todos os ramos da *Philosophia*, e nesse sentido todas precedentes ciências

²¹ O termo ativo (practica) é tomado por Bacon, como ele mesmo explica, em um sentido restrito, este é aplicado em referencia às ações de conduta. "Unde practica hic strict sumitur, ad opera moris quibus boni vel mali sumus." OM, II, p.223.

²² Sed Theologia est scientiarum nobilissima; ergo illa quae maxime convenit cum ea est nobilior inter caeteras. OM, II, p. 224.

conduzem a ela, pois nestas encontramos vários preceitos morais, que devem ser extraídos para a ciência moral, uma vez que em substância se relacionam com a moral. Isto é, o estudo da língua e o estudo da natureza encontra seu telos em uma filosofia moral.²³ Ainda para fundamentar a importância da *Moralis Philosophia*, Bacon cita a autoridade de Aristóteles, Avicena e Averróes, que seriam os principais autores neste assunto²⁴.

Bacon nos diz que esta ciência tem como característica dois pontos: (i) ela nos ensina a estabelecer as leis e obrigações da vida, isto é, trata das leis de conduta e (ii) ensina que estas normas existem para serem acreditadas e aprovadas, e ainda, que todos homens devem ser impelidos a respeitá-las.²⁵

No que se refere ao primeiro ponto, conforme a escritura declara, dá-se uma divisão em três partes; (i) dever do homem para com Deus e com os seres angelicais; (ii) dever com seu próximo e (iii) o dever consigo²⁶.

A importância e prioridade da ciência moral sobre as outras, dá-se por esta estar ligada à salvação do homem, dentro do que é possível à filosofia. Merino ao referir-se a ciência moral diz que ela “adquire um posto único no universo baconiano. A moral, como ciência última, anima, orienta e dirige o comportamento do homem.”²⁷

Na primeira parte, é tratada a relação do homem com Deus, isto é, seu dever com Deus e com as substâncias angelicais. Bacon especifica que a *Metaphysica* e a *Moralis Philosophia* possuem uma estreita ligação, pois tanto uma quanto a outra tratam de questões relativos a Deus, aos anjos, a vida eterna e demais temas teológicos, cada qual a sua própria forma. A *Metaphysica* através

²³ HACKETT, Jeremiah. Introduction. In: HACKETT, Jeremiah (org). Roger Bacon and the sciences: Commemorative essays. Leiden, 1997. p. 7.

²⁴ “qui sunt auctores in ea principales” OM, II, p. 225.

²⁵ OM, II, p. 225.

²⁶ “Prima pars dividitur in tres; nam primo naturaliter occurrit ordinatio hominis in Deum et respectu substantiarum angelicarum. Secundo ad proximum; tertio ad se ipsum, sicut Scriptura facit.” O.M II pag 225

²⁷ MERINO, 1993. p.146.

de princípios comuns a todas as ciências investiga qualidades próprias metafísicas, assim, “mediante o corpóreo investiga o espiritual; mediante os que foram criados descobre o Criador; mediante a vida presente é negociada a vida futura e também provê muitas questões introdutórias à filosofia moral.”²⁸ Ela investiga estes assuntos em razão da ciência moral. Nesse sentido há uma união entre estas ciências, de modo que os princípios que devem ser elucidados pela *Metaphysica* podem ser assumidos pela ciência moral.

Os princípios básicos estabelecidos por ela são: (i) Deus existe; (ii) a existência de Deus é naturalmente conhecida por todos os homens; (iii) Deus é de infinito poder, bondade e sabedoria; (iv) Deus é um em essência; (v) Deus é Uno e Trino; (vi) Deus criou todas as coisas e governa o reino da natureza; (vii) Ele criou substancias espirituais, que chamamos Inteligências e Anjos (viii) Ele criou a alma racional dos homens; (ix) imortalidade da alma; (x) Felicidade da outra vida é o bem maior; (xi) O homem é capaz desta felicidade; (xii) Deus tem a direção moral da raça humana, do mesmo modo dirige todas as coisas do reino da natureza; (xiii) Felicidade futura para aqueles que vivem em acordo com Deus e infelicidade futura para os que não o seguem; (xiv) Deus é devido de adoração com toda reverência e devoção; (xv) Dever com os outros e consigo; (xvi) Necessidade da revelação e (xvii) mediação entre Deus e o homem.

Nesse sentido, mediante os referidos princípios a *Metaphysica* esta unida a ciência moral, do modo que são próximas em seu propósito final. Existem também outros, afirma Bacon, princípios que não são explicados pela *Metaphysica* e são próprios da *Moralis Philosophia*. Portanto o legislador deve ocupar-se de questões que o metafísico não poderia pretender tratar, como Bacon nos diz:

²⁸ "et per corporalia investigat spiritualia: et per creata reperit Creatorem, et per vitam praesentem negotiatur circa futuram, et multa praeambula ad moralem philosophiam praemittit." O.M II pag 226

Deve o legislador, em princípio dirigir-se às propriedades de Deus em particular, dos anjos, para a felicidade e a miséria da outra vida e para a imortalidade de nossos corpos após a ressurreição e deste modo a questões que o Metafísico não pode aspirar.²⁹

Bacon enfatiza, entretanto, que a ciência moral não tem obrigação de explicar todos os segredos acerca de Deus, dos anjos como também de outras questões relacionadas, porém deve tratar daquelas que são necessárias para o *multitudini* (povo). Pelas quais todos os homens devem concordar para que não tenham dúvidas ou caiam em heresias.

Existem princípios que a *Metaphysica* não pode explicar, relativos à natureza de Deus, dos anjos e sobre a vida futura. Destes o primeiro é acerca da Trindade, pois mesmo que a ela ensine, não é capaz de explicar totalmente o modo pela qual a trindade existe. Uma verdade que é alcançada mais pela revelação do que pela razão. Bacon enfatiza que muitos filósofos fizeram declarações acerca das coisas divinas, que transcendem a razão humana e são assim do campo da revelação. Deste modo, a relação entre as três pessoas da Trindade, isto é, *Deus Trinitas* (trindade) constitui o primeiro fundamento da *Moralis Philosophia*. Princípio este que deve ser provado e exposto, pois é necessário para o estabelecimento da adoração a Deus e para muitas outras coisas. Após o conhecimento deste princípio teológico, Bacon afirma que os homens que buscam conhecer a felicidade eterna precisam separar-se dos pecados, da atenção excessiva ao corpo e dos deleitos deste mundo para por fim poderem receber de Deus a salvação. Isto é, precisam da compreensão dos artigos verdadeiros de fé e também necessitam libertarem-se de tudo o que desvia de Deus, para assim a contemplarem a felicidade futura.³⁰ E para

²⁹ "debet legislator in principio descendere ad proprietates Dei in particulari, et Angelorum, et ad felicitatem alterius vitae ac miseriam et ad immortalitatem corporum post resurrectionem, et hujusmodi ad quae Metaphysicus non potuit aspirare." OM, II, p. 228.

³⁰ OM, II, p. 243.

concluir, o *Doctor Mirabilis* chama atenção para a nossa obrigação em adorar a Deus, isto é, nosso culto ao divino. Esta adoração a Deus é devida em razão da benção de nossa criação, seu infinito poder e em relação à felicidade futura.

Na segunda parte³¹ da *Moralis Philosophia*, intitulada *De lege matrimonii et reipublicae servanda* (acerca da lei do matrimônio e da republica que deve ser preservada)³², Bacon trata do dever com o próximo, por esta razão a discussão se dará sobre as leis e estatutos que regulam as relações dos homens.

Desta maneira em primeiro lugar, é importante à preservação da espécie humana o assentamento de leis do matrimônio. Portanto pelos legisladores são dadas as *leges matrimonii*, estabelecidas como estas devem ser feitas e ainda como os impedimentos há de ser removidos. Especialmente referente aos fornicadores e sodomitas que devem ser excluídos da *civitas*. Visto que estes são hostis a sua estrutura, pois desviam os homens do que é a melhor coisa na *civitas*, claramente a união conjugal. Esta afirmação é sustentada, segundo Bacon por Avicena e também por outros filósofos.

Outro importante ponto diz respeito à organização das classes sociais e hierarquização da sociedade. Deve o legislador também, criar um fundo público com recursos destinados aos enfermos, idosos, professores de direito e medicina e para o geral uso público. Faz-se importante igualmente o estabelecimento de leis acerca de patrimônios, heranças e testamentos, como também leis que rejam contratos de todos os tipos. O legislador deve ainda promover leis para que a paz e a justiça possam ser providas entre os cidadãos. Igualmente ele estabelece leis referentes à guerra, nesse sentido, os homens devem ajudar-se mutuamente unindo se contra os inimigos da lei. Contudo,

³¹ Hackett aponta que no texto de Bacon se tem um pressentimento do "maqueavelismo". Pois nos seus escritos de moral encontra-se uma ética da virtude lado a lado com uma ética da Virtú. Ainda aponta que uma leitura cuidadosa do Príncipe mostrará uma forte inspiração do *Secretum Secretorum* em sua redação, texto este que teve como primeiro editor no ocidente latino, Roger Bacon. Hackett, J. "Machiavellianism before Machiavelli", In: Roger Bacon and the sciences. p. 409.

³² OM, II, p. 250.

aos estados que possuam bons regulamentos nenhum ataque deve ser feito. Finalmente a *lex christiana* (lei cristã) deve ser estendida para todo mundo. Do modo que, os divergentes primeiramente devem ser corrigidos e caso não estejam disposto a isto, terão por fim a morte. O ultimo ponto do referido capitulo versará acerca da sucessão do legislador. Para tal feito, deve ser escolhido por este, seu sucessor com consenso dos *majorum* (nobres) e do *vulgi* (povo). Que terá obrigação de governar com prudência e boa moral. Deve ainda, ser corajoso, amável, hábil, perito nas leis e no ato de governar.

Na terceira parte de sua ciência moral³³, Bacon trata acerca da conduta pessoal do homem, isto é, refere-se ao dever consigo mesmo. Com a finalidade que o homem tenha uma vida honrável e digna, portanto, deve ele deixar de lado a indignidade dos vícios a fim de alcançar a futura felicidade e evitar o castigo eterno. A divisão e organização da *Moralis Philosophia* possui um desencadeamento lógico. No qual, primeiramente é tratada questões acerca do dever do homem para com Deus, posteriormente o dever com o próximo, pois o bem público é de maior importância do que o bem privado e por fim versa acerca do âmbito ético. Esta declaração possui a autoridade de Aristóteles e Avicena, deste modo nesta terceira parte é tratado o *bonum privatum* (bem privado).

Esta relação da terceira parte com a segunda se dá, pois o *Caritas* (Amor) é a virtude máxima para o bem público e esta ligada a *Pax* (pax) e *Justitia* (Justiça) que são virtudes que excedem a moral privada, pois o homem é um animal social e não deve viver solitariamente, como dizem Aristóteles e Avicena. Pois um eremita que vive isolado não é bom nem é mau³⁴. Assim os homens foram gerados para beneficiar os outros, e não para viverem para si só, isoladamente; Cícero, Platão, Sêneca e Estóicos também compartilham desta opinião.

³³ OM, II, p. 254.

³⁴ "vir eremita qui non est pars civitatis, sed sibi soli vacat, non est bonus neque malus." OM, II, p. 254.

Tratando da conduta ética, Bacon dirá que muitos filósofos pagãos versaram sobre o tema. Nesse sentido, Bacon afirma que se faz importante apresentar primeiramente de modo geral suas concepções acerca da virtude e do vício. Hacket afirma que Bacon apresenta uma teoria geral das virtudes que tem como base uma subordinação da teoria da virtude de Aristóteles à uma doutrina geral da virtude estoíca.³⁵

Bacon diz que todos os filósofos afirmaram que a nobreza da virtude por sua admirável beleza deve invitar todos os homens, isto é, a virtude atrai a todos por razão de seu próprio valor. Esta pode ser adquirida como diz Sêneca e Cícero, por uma constante prática e mesmo a mudança de hábitos inveterados é possível, embora seja uma tarefa árdua.

Também acerca dos vícios estes fizeram declarações, portanto Cícero afirma em *De Quaestionibus* que pecar é permitido a ninguém³⁶, pois estes impedem a total perfeição da alma e também a aquisição da felicidade eterna. Algazel em *Logica* afirma que a felicidade é a perfeição da alma mediante duas coisas; (i) a *munditia* (limpeza), isto é, a purificação da alma e (ii) *ornatus* (ornamento). A alma, portanto, é como um espelho; pois são representados nela todas as formas do universo quando tenha sido purificada e limpa de hábitos imundos.³⁷ o *peccatum* não somente cega, desfigura e debilita a alma racional como também leva o homem a uma vida bestial. É importante enfatizar, usando a autoridade de Sêneca, a influencia dos exemplos, sejam para os vícios ou para as virtudes. Do modo que, os bons exemplos ajudam o homem no caminho da virtude. Aos homens se faz importante também uma reflexão diária acerca de sua conduta, para assim torna-se um homem melhor.

³⁵ HACKETT, Jeremiah. Roger Bacon. In: Jorge J. E. Gracia, Timothy B. Noone (Eds). A companion to philosophy in the middle ages. Malden: Blackwell, 2002. p. 624.

³⁶ "Quod peccare nemini licet." OM, II, p. 262.

³⁷ "Anima igitur est sicut speculum; nam depinguntur in ea formae totius universi cum mundata et tersa fuerit a sordidior moribus." OM, II, p. 263.

Bacon diz que este exercício deve ser feito desde a infância, como mesmo afirmaram Sêneca e Aristóteles.

Bacon afirma que os filósofos versaram acerca dos sete pecados capitais, a saber, *avaritia* (avareza), *superbia* (soberba), *luxuria* (luxúria), *gula* (gula), *ira* (ira), *invidia* (inveja) e *accidia* (preguiça) para que desse modo sejam evitados. Pois mediante estes vícios o homem acaba por perder o interesse ao verdadeiro bem, que é a virtude.

Destes a *Ira* é o mais nocivo, e pode se dizimar rapidamente por toda sociedade. Sêneca apresenta os três *remedia* (remédios) contra o vício da *Ira*. Portanto o primeiro é (i) *notitia veritatis ante quam irascamur* (conhecimento da realidade antes que encolerizamos), isto é, verificar os fatos calmamente para ter certeza dos fatos, evitando assim julgamentos precipitados. Segundo é (ii) *mora in exactione poenae* (retardamento na execução de punição), isto é, atraso antes de realizar o ato de punição de um delito.

Faz-se importante igualmente aos homens, a perseverança, isto é, resistir às adversidades e vencê-las. Como também negligenciar a prosperidade neste mundo. Deste modo, Bacon cita Sêneca, que em seu livro *Cum mundus providentia gubernetur, quare multa mala viris bonis accidant?* Afirma que Deus envia adversidades aos homens para que estes tenham seu caráter fortalecido.

E por fim, Bacon trata acerca da verdadeira religião, portanto afirma que esta quarta parte é *mirabilior et dignior* (mais maravilhosa e elevada) que todas outras três partes da *Moralis Philosophia*. Pois consiste numa persuasão do princípio para a crença na religião que a raça humana deve aceitar, pois ela aponta o caminho para felicidade na vida futura. Não há nada mais necessária, útil e tanta dignidade ao homem, neste sentido esta é o fim de toda consideração humana. Isto é, trata da religião cristã como a verdadeira. E usando de uma classificação estabelecida sobre três pontos: a influencia dos planetas, objetivos, nações. Apresenta as seis religiões existentes: (i) Sarraceni

(Sarracenos), (ii) Pagani (pagãos), (iii) Tartari (tartaros), (iv) Idololatrae (Idolatrás), (v) Judaei (Judeus) e (vi) Christiani (cristãos). Para por fim provar a autêntica e verdadeira, isto é, a religião cristã.

Considerações finais

No projeto de reforma idealizado pelo *Doctor Mirabilis* exposto ao Papa Clemente IV em sua *Opus Maius*, complementada pela *Opus Minus* e posteriormente pela, *Opus Tertium*, Bacon critica sua sociedade. E para combater os grandes males de seu tempo, sonhou com uma grande reforma inspirada nas ciências. Analisou e apontou, por exemplo, a ignorância a respeito das ciências úteis para a teologia como o estudo das línguas, matemática, física. A preferência dada às Sentenças ao invés do estudo da Bíblia; a corrupção do texto bíblico usado em Paris, no qual segundo este o texto caracterizava-se como profundamente corrompido. Em seu tratado, de início é expostas as quatro *causae erroris*, passando pelo conhecimento das ciências e tem por fim a ciência da salvação do homem, isto é, a *Moralis Philosophia*. Nesse sentido, quebrando uma tradição vinda de Aristóteles defende o primado da ciência moral como finalidade de toda sabedoria humana.

Referências bibliográficas:

BACON, R. *Obras Escolhidas*. Introdução de Jan G. ter Reegen; Tradução de Jan G. ter Reegen, Luís A. De Boni, Orlando A. Bernardi; Revisão de Carlos Arthur R. do Nascimento, Luís A. De Boni, Orlando Bernardi. Porto Alegre: EDIPUCRS, Bragança Paulista: EDUSF: 2006.

_____. *Opera quaedam hactenus inedita*. ed. p. J. S. Brewer. Londres, 1859. ND 1965.

_____. *Opus Majus of Roger Bacon*, parts 1 and 2. Tradução de Robert Belle Burke. London: Humphrey Milford Oxford University Press, 1928.

_____. *The Opus Majus of Roger Bacon*. ed. p. J. H. Bridges. 3 v. Londres, 1900.

BRIDGES, J. H. *Life and Works of Roger Bacon*. London: Williams & Norgate, 1914.

HACKETT, J. “Roger Bacon”. In: Jorge J. E. Gracia, Timothy B. Noone (Eds). *A companion to philosophy in the middle ages*. Malden: Blackwell, 2002.

HACKETT, J. (org). *Roger Bacon and the sciences: Commemorative essays*. Leiden, 1997.

LINDBERG, D. C. *Bacon's natural philosophy*. A Critical Edition, with English Translation, Introduction, and Notes of *De multiplicatione specierum* and *De speculis comburentibus*. Oxford: Clarendon Press, 1983.

LITTLE, A. G. *Little, Roger Bacon Essays*. The Clarendon Press, Oxford, 1914.

MASSA, E. *Etica e Poetica nella storia dell' Opus maius*. Roma: Edizione di Storia e Letteratura, 1955.

MERINO, J. A. *Historia de la Filosofia Franciscana*. BAC, Madrid, 1993.

NASCIMENTO, C. A. do. “Conhecer para Dominar: Rogério Bacon”. In: *De Tomás de Aquino a Galileu*. Caminas: IFH/Unicamp, 1995.

_____. “Rogério Bacon”. In: DE BONI, L. A.(org). *Filosofia Medieval*. Textos. Edipucrs, 2000.

_____. “Rogério Bacon e a ciência experimental”. In: Ana Maria Alfonso-Goldfarb; Maria Helena Roxo Beltran. (Org.). *O saber fazer e seus muitos saberes: experimentos, experiências e experimentações*. 1 ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2006.